



## A PAISAGEM URBANA SOB O ENFOQUE DA PERCEPÇÃO: UM ESTUDO DOS CÓRREGOS PITO ACESO E ÓLEO - UBERLÂNDIA/MG

Rosana de Ávila Melo Silveira  
Marlene Teresinha de Munro Colesanti

### RESUMO

Os altos índices de degradação ambiental diagnosticado principalmente nas áreas urbanas têm proporcionado a elaboração e aplicação de inúmeros trabalhos e pesquisas vinculados a essa questão. Entre estes, a grande maioria, realiza, além do diagnóstico do problema, a elaboração de medidas aplicáveis que visem soluções para os mesmos. Todavia, estes trabalhos, em grande parte não alcançam seus propósitos, pois, utilizam-se de um enfoque científico tradicional, deixando de considerar que muitos dos problemas necessitam de ser estudados sob um enfoque "topofílico". Assim, na busca da compreensão do valor atribuído a paisagem, o nosso artigo objetiva, através da percepção, identificar o grau de valorização do meio ambiente.

**Palavras-chave:** Paisagem Urbana; Percepção Ambiental; Meio Ambiente Urbano

### ABSTRACT

The high levels of the environmental resistance diagnosed mainly in urban areas have been arranged the elaboration and application of works and researches connected with this theme. Within them, the majority has reached the problem of diagnose and also the elaboration of the applicable sources which search for their solution. These works, however, in their majority do not get their proposal, because they use a traditional scientific view, without behind the consideration of many problems that need to be studied under of a "topophilia" aspect. Thus, searching the comprehension of the attributed value of the landscape, our article has the proposal, through the perspection, identify the level of the value of the environment.

**Keywords:** Urban Landscape; Landscape Perception; Urban Environment

---

# **A PAISAGEM URBANA SOB O ENFOQUE DA PERCEPÇÃO: UM ESTUDO DOS CÓRREGOS PITO ACESO E ÓLEO - UBERLÂNDIA/MG**

## **1. INTRODUÇÃO**

Compreendendo que o estudo da percepção da paisagem fornece elementos importantes para a identificação dos graus de valorização do meio ambiente, o presente trabalho consiste em apresentar um estudo realizado sob o enfoque da percepção.

Em vista da crescente degradação ambiental, diagnosticada principalmente nas áreas urbanas, a elaboração e aplicação de inúmeros trabalhos e pesquisas vinculados a essa questão vêm sendo constantes. Entre estes, a grande maioria, realiza, além do diagnóstico do problema, a elaboração de medidas aplicáveis que visem soluções para os mesmos. Todavia, estes trabalhos, em grande parte não alcançam seus propósitos; pois, utilizam-se de um enfoque científico tradicional, deixando de considerar que muitos dos problemas necessitam ser estudados sob um enfoque *"topofilico"*.

Atualmente, compreender o valor atribuído a paisagem é de fundamental importância, visto que, a degradação ambiental vem se intensificando. Assim, considerando a paisagem urbana, materialização formal das práticas sociais e o espaço vivido resultado direto do trabalho e da ação humana; a busca de uma compreensão da paisagem, através da percepção, fornece, elementos importantes para a identificação dos graus de valorização do meio ambiente e, conseqüentemente, da história de vida da população. Conforme TUAN (1980:68),

*"para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atividades e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico".*

A busca pela interpretação dos fenômenos perceptivos contribui para ampliar a compreensão da realidade que cada um constrói interiormente e que configura nosso cotidiano.

## **2. PERCEPÇÃO DA PAISAGEM: UM ESTUDO DA RELAÇÃO HOMEM/NATUREZA**

Ao longo dos tempos o ser humano vem, com as mudanças constantes de suas práticas sociais, distanciando-se cada vez mais da natureza, bem como provocando uma série de problemas de ordem ambiental. Entretanto, ao mesmo tempo em que o

homem está rapidamente destruindo todos os aspectos do meio ambiente, aos quais ele está vinculado, nele persistem profundas necessidades biológicas de contato com o meio natural e que são essenciais para o seu bem estar e para a sua sobrevivência; pois, as interações entre o ser humano e o meio natural são muito intensas. Conforme TUAN (1980), em sua interação, com o meio, os seres humanos respondem ao ambiente de várias maneiras já que a visão que cada pessoa tem do mundo é única, apesar, de todos compartilharem atitudes e perspectivas comuns. TUAN salienta ainda que, a "cultura" pode influenciar a percepção.

Para SANTOS (1996), a atitude do ser humano em relação ao meio ambiente muda com o aumento do domínio sobre a natureza. Conforme o autor, quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo. Esse meio natural generalizado era utilizado sem grandes transformações. As técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza. Contudo as transformações impostas às coisas naturais já eram técnicas, entre os quais a domesticação das plantas e dos animais aparece como um momento marcante: o ser humano mudando a natureza, impondo-lhe leis. A partir de então, o homem vem se utilizando e dominando com maior intensidade o meio natural, impondo-lhe uma série de modificações artificiais; onde a contínua implantação e o uso de técnicas e objetos, cada vez mais avançados, contribuíram para acelerar as relações predatórias ao meio ambiente. Porém, não foi somente a introdução de técnicas inovadoras que comprometeu o meio ambiente. Muitas das ações humanas sobre o meio, natural e/ou construído, também são, marcantes na descaracterização e destruição do meio ambiente.

Conforme DEL RIO e OLIVEIRA (1996), constantemente e não sem razão, os cidadãos expressam o seu descontentamento ou descuido para com o meio ambiente. As manifestações mais constantes de insatisfação revelam-se, em um plano, através de condutas agressivas em relação a elementos físicos e/ou arquitetônicos, geralmente, os reconhecidos como os públicos. Em outro plano, estas condutas são reforçadas pelo desconforto psicológico de cada um dos indivíduos, como sensação de abandono, incapacidade de relacionar-se com vizinhos, tensão ou outras manifestações psicológicas. Todas essas manifestações são resultantes expressos das percepções, dos julgamentos e expectativas de cada indivíduo. Embora nem todas as influências ambientais e suas conseqüentes manifestações psicológicas sejam evidentes, elas são fatores constantes em nossas vidas e afetam nossa conduta e nosso desempenho cotidiano, na maioria das vezes inconscientemente.

Segundo MACHADO (1988), a questão da interação entre o homem e a paisagem é ampla e transcende as tradicionais fronteiras disciplinares. Para estudá-la é necessário que a sua percepção, que sempre vem acompanhada da atribuição de valores e tomada de posições, seja analisada em uma perspectiva que englobe, integralmente, tanto os componentes paisagísticos naturais e construídos, como as manifestações topofílicas dos indivíduos em relação a eles. Pois, a paisagem é *"cenário de um mundo-vivido, onde as pessoas nascem, crescem, se locomovem e se orientam, tocam, cheiram, ouvem ..., passam ali toda sua vida"*. (MACHADO, 1988: 4).

### 3. PERCEPÇÃO E VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM

Conforme MACHADO (1988), a curiosidade sobre como seriam as diferentes paisagens da terra, fez com que o ser humano, começasse a observar e pesquisar a superfície terrestre, e embora no início, sua locomoção fosse restrita a pequenas áreas, ele percebia que haviam muitas diferenças quanto ao relevo, a vegetação, ao clima, e aos costumes e os valores sociais nos diversos lugares. E foi a partir desta percepção e interesse, que vários geógrafos passaram a dedicar-se ao estudo da paisagem.

Conceituada atualmente, como tudo aquilo que está ao alcance do olhar e à disposição do indivíduo; paisagem é o lugar onde, o ser humano se orienta diariamente e passa a sua vida. Nesse sentido, a busca da compreensão da significação da paisagem enquanto fenômeno experienciado contribui para compreender a percepção, a conduta e o sentimento das pessoas em relação às paisagens e aos lugares. Segundo RELPH (1979), não há experiência ambiental que não seja, uma experiência de paisagem. A ligação interna que une os elementos da paisagem é a presença do homem e o envolvimento nela, numa interação incessante e dinâmica, onde a paisagem experienciada dá colorido à existência humana e é por ela colorida, o que se constitui em uma verdadeira mensagem que pode ser decifrada, apesar da grande dificuldade em como fazer isso, respeitando a diversidade e complexidade dos significados. A paisagem gera tantas respostas quantas forem as atitudes para com ela. Cada paisagem tem seu próprio conjunto de significados específicos. Nossas atitudes ambientais e respostas imediatas ao meio ambiente compreendem o que RELPH (1979: 22), denominou de "*geograficidade*". Entendida assim, como várias maneiras pela quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e o relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, a geograficidade, pode incluir, tanto experiências positivas como experiências negativas e desagradáveis de paisagens e lugares. Conforme RELPH (1979), as experiências, na geograficidade, estão associadas às qualidades de determinada paisagem e às atitudes daqueles que estão experienciando tal paisagem; compreende nossas respostas imediatas ao ambiente e, por ser conhecida através da experiência, torna-se extremamente rica em variedades e significados. Contudo, RELPH (1979:4), acrescenta, que:

*"os significados originais do mundo-vivido estão constantemente obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais; e apesar de vivermos nele, o mundo-vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos. A dificuldade é como fazer isso sem destruir a riqueza e a complexidade dos significados."*

Como o mundo vivido, a geograficidade também é constantemente obscurecida por conceitos, idéias e explicações e, como consequência, deixa de ser um profundo vínculo com a paisagem e o local. Uma contribuição importante no esclarecimento do significado dos conceitos, dos símbolos que dizem respeito ao espaço, à paisagem e ao lugar, é encontrada no trabalho de TUAN (1983). Em seu trabalho, o autor analisa as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar, e salienta como o homem experiencia e entende o mundo.

Conforme TUAN (1983), lugar é segurança, e espaço é liberdade; sentimo-nos apegados ao lugar, mas desejamos a liberdade sugerida pela idéia de espaço. O termo experiência, para este autor, abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Para entrar em contato com o meio ambiente físico, a maioria das pessoas usa os cinco sentidos que se reforçam mútua e

constantemente, e da inteligência, necessária para a sua estruturação. Para TUAN (1983), são os órgãos sensoriais e experiências que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais. Entretanto, a maioria das pessoas sentem dificuldade, em expressar seus sentimentos em relação as paisagens. Conforme o autor, raramente prestamos atenção àquilo que sabemos; estamos conscientes sobre certo tipo de realidade porque é do tipo que podemos facilmente mostrar e falar. Mas sabemos muito mais do que podemos falar e, no entanto, quase chegamos a acreditar que o que falamos é tudo o que sabemos. Com frases feitas, nossas experiências pessoais são continuamente apresentadas de forma incorreta e incompleta. As experiências são, então, negligenciadas ou ignoradas porque faltam os meios para articulá-las ou destacá-las.

LOWENTHAL (1982), ao trabalhar com percepção e valorização da paisagem, lembra que não é possível uma perfeita sintonia entre o mundo exterior e as nossas idéias sobre ele. Se estamos parados ou movimentando-nos, a paisagem está sujeita a súbitas e geralmente drásticas mudanças e, conseqüentemente, devemos ser aptos em ver as coisas não como são, mas também como poderão vir a ser. Nós estamos fisiologicamente equipados para uma grande variedade de meios ambientes, incluindo aqueles que criamos, e a própria percepção nunca ocorre isolada, pois pensar, sentir, querer, necessitar se processam simultânea e independentemente. As avaliações, segundo o autor, são afetadas profundamente pela sociedade e pela cultura, pois cada sistema social organiza o mundo de acordo com a sua estrutura e exigências particulares; cada cultura filtra a percepção do meio ambiente em harmonia com seu estilo e técnicas particulares; e em qualquer sociedade os indivíduos com embasamento cultural semelhante, que falam a mesma língua, ainda assim, percebem e compreendem diferentemente o mundo. Cada um de nós encara o mundo a seu próprio modo e contempla as paisagens através de imagens particulares. Além disso, toda informação é inspirada e distorcida pelo sentimento, o que explica por que raramente diferenciamos entre pessoas, lugares, paisagens ou coisas, até que tenhamos um interesse pessoal sobre eles. Somos determinados, tanto pelo que éramos quando crianças, como pelo que estamos experienciando agora e, como conseqüência cada história pessoal resulta de um meio ambiente particular privado. Mesmo os aspectos de nosso passado que não conseguimos lembrar também deixam suas marcas em nossos mapas mentais. Do mesmo modo, a memória modela idéias abstratas e hipóteses.

Conforme MACHADO (1988), não podemos falar de paisagens a não ser a partir de sua percepção, pois, a paisagem não se separa da experiência e da vivência humana. Através da percepção, o homem apreende a paisagem, que se define basicamente pelo contato direto, atual e imediato que o sujeito (o observador) tem com o objeto (a paisagem). Portanto, avaliar uma paisagem implica fenômeno perceptivo, que não pode ser estudado como um evento isolado da vida cotidiana das pessoas. A percepção está sempre presente em toda e qualquer atividade humana. É, portanto, o homem quem percebe e vivência as paisagens, atribuindo a elas significados e valores.

Nesse sentido, compreender o valor atribuído a paisagem nos dias atuais é de fundamental importância, visto que, a degradação ambiental vem se intensificando, principalmente nas áreas urbanas. O atual estado em que se encontra a bacia do Córrego do Óleo em Uberlândia, é um exemplo. E é nessa perspectiva, que se justifica a necessidade de nossa pesquisa, que dentro da lógica da percepção da paisagem, busca o significado dos Córregos Pito Acesso e Óleo para a população residente em sua bacia.

#### 4. PERCEPÇÃO E VALORIZAÇÃO DA PAISAGEM EM UBERLÂNDIA

Com uma população de quase 500 mil habitantes, Uberlândia, atualmente, é uma das maiores cidades do Estado de Minas Gerais, cuja economia diversificada vem lhe garantindo um extraordinário desenvolvimento. Porém, aliado a esse contínuo progresso, a cidade vem passando por sérios problemas ambientais decorrentes, principalmente, do crescimento horizontal e vertical, da crescente especulação imobiliária, do desrespeito às leis ambientais e, principalmente, da prática de não preservação das áreas de reserva. Historicamente, desde os anos 50, Uberlândia, vem assumindo lugar de destaque na região do Triângulo Mineiro e no cenário nacional, devido em parte ao acelerado crescimento econômico e em parte ao desenvolvimento de sua malha rodoviária.

*"De cidade que, nos fins do século XIX, era considerada "Boca de Sertão", Uberlândia, já em 1950, era considerada o maior entreposto comercial da região ... lugar catalisador da maior parte da produção de mercadorias da região e esse foi o impulso que, necessariamente, colocou essa cidade no circuito do mercado nacional, garantindo a acumulação e a reprodução do capital aqui instalado." (MACHADO, 1991:39).*

Nos anos 60, Uberlândia, com as políticas de ocupação dos cerrados e a descentralização industrial do eixo Rio/São Paulo, manteve seu expressivo crescimento.

*"... na década de 60, a política de ocupação dos cerrados - polocentro - empreendida pelo Estado, propiciou o desenvolvimento das culturas de grãos (soja, milho, café) em terras da região, acarretando para Uberlândia o armazenamento, a distribuição e a exportação desta parte da safra agrícola nacional. Outro fator relevante para o desenvolvimento econômico desta cidade nos últimos trinta anos foi a política de descentralização industrial do eixo São Paulo/Rio, que tornou possível a transferência de grandes complexos industriais, como a Souza Cruz, a Daiwa do Brasil Têxtil Ltda., a Fujiwara, a Pepsi-Cola e outros que, somados às iniciativas do capital local e regional, puderam concretizar a implantação do seu pólo industrial". (MACHADO, 1991:41).*

Na década de 70, a cidade assume a condição de pólo atrativo regional, com uma economia fundamentada na produção, distribuição e consumo de mercadorias. A quantidade de pessoas atraídas de outras regiões e Estados foi intensa. Entre os anos 70 e 80 a população urbana cresceu mais de 100%, conforme TABELA 01, abaixo.

**TABELA 1 - UBERLÂNDIA: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL, 1960/1996**

<b>POPULAÇÃO</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>1996</b>
URBANA	71.717	111.466	231.598	357.830	429.869
RURAL	16.565	13.240	9.363	8.881	7.242
<b>TOTAL</b>	<b>88.282</b>	<b>124.706</b>	<b>240.961</b>	<b>366.711</b>	<b>437.111</b>

Fonte: FIBGE, 1960, 1970, 1980, 1991, 1996 apud SOARES (1995).

A criação da Universidade Federal de Uberlândia - 1978, foi outro fator importante para o desenvolvimento da região. Foi nesta década também, que houve uma maior valorização do solo urbano e um subsequente aumento nos problemas ambientais.

*"... A universidade deu uma outra feição político/cultural à cidade, e, sendo única universidade pública da região, colocou Uberlândia, também, como centro irradiador de cultura e riquezas e desenvolvimento de novas idéias, mas também ocorreu o seu reverso com problemas ambientais, acirramento da especulação imobiliária e a conseqüente expansão de periferias, carências de habitações, pobreza nas ruas, entre outros ... criou-se a cidade fragmentada, onde há lugar para tudo e tudo tem um lugar definido, e, conseqüentemente, a cidade se tornou mercantilizada, em que tudo se transforma em mercadoria, em um bem a ser explorado e consumido de forma sedutora." (SOARES, 1995:167).*

As transformações ocorridas em Uberlândia, conforme SOARES (1995), modificaram-lhe a paisagem, dando-lhe uma caracterização mais cosmopolita e moderna. Contudo, o alto valor atribuído ao solo urbano, retrata a existência de uma cidade fragmentada, em que a produção residencial, marcada pela divisão social do espaço, reflete o modo como as classes sociais se estruturam na cidade. A abertura de loteamentos distantes da área central, desprovidos de infra-estrutura e equipamentos coletivos, demonstrou uma cidade dividida em setores: áreas servidas de todo o tipo de equipamento coletivo - voltadas à uma pequena minoria que usufrui de um maior poder aquisitivo - e áreas periféricas, destinada ao restante da população, com menor poder aquisitivo. Estas últimas, geralmente, formadas por conjuntos habitacionais e loteamentos autoconstruídos, são espaços voltados, especificamente, à população de baixa renda, constituindo-se em uma das poucas opções de acesso à moradia.

*"... a diferenciação de apropriação do espaço da cidade pelas classes sociais se deve ao fato do solo urbano se construir, dentro da economia capitalista, em propriedade privada, portanto, mercadoria, fazendo com que se torne fonte de renda para quem o detém ..." (SOARES, 1988:92).*

A constante disputa por um emprego em torno das áreas industriais e de serviços a eles associados, a dependência do sistema de saúde e transportes automotivos, entre outros, foram e continuam sendo, fatores que reforçam o alto valor atribuído ao solo urbano, e que por sua vez, indiretamente ou diretamente, contribuem para agravar

a degradação ambiental presente na cidade. Entre os problemas ambientais mais frequentes, podemos citar, a degradação nos córregos urbanos, poluídos e descaracterizados pelo lançamento indevido de esgoto doméstico e industrial, sem breve tratamento. Considerando, que muitos problemas de ordem ambiental, são provenientes de ações humanas inconscientes; e que "*paisagem*" pode ser definida, como tudo aquilo que está ao alcance do olhar e à disposição do indivíduo; a compreensão do valor atribuído a paisagem, torna-se muito eficaz, no entendimento do atual quadro de degradação ambiental na cidade.

## 5. CÓRREGOS PITO ACESO E ÓLEO, UM ESTUDO ESPECÍFICO

Recortado por inúmeros córregos e ribeirões, o município de Uberlândia, possui uma grande rede hidrográfica; a qual, a bacia hidrográfica do Rio Uberabinha, formada por 49 afluentes, é o único manancial de abastecimento de água na cidade. Entre seus afluentes, em especial, está a sub-bacia do córrego do Óleo, situado na porção sudoeste da cidade.

Com uma área de 38.847 Km<sup>2</sup>, e com um total de 8 nascentes; uma delas o Córrego Pito Aceso; esta bacia, compreende em seus limites vários bairros: Mansour, Luizote de Freitas, Chácaras Tubalina, Jardim Patrícia, São Lucas, e partes dos bairros Planalto e jardim das Palmeiras. E em seu entorno encontram-se ainda os bairros: Dona Zulmira, Vallée, Chácaras Jardim Holanda, Jaraguá e jardim Canãa.

Degradado, poluído, descaracterizado, o córrego do Óleo, vem sofrendo um profundo descaso pelo poder público e por parte da própria população, que prefere vê-lo canalizado sob uma avenida, considerando essa edificação como "*marcas do progresso e desenvolvimento*" para a cidade. Atualmente um dos maiores problemas do córrego do Óleo é o lançamento dos esgotos domésticos no seu leito, sem nenhum tratamento ou cuidado prévio, e a falta da vegetação natural em suas margens, que contribuem para processos erosivos e o assoreamento do córrego.

*"... como não há, no bairro Luizote I, unidades de tratamento, os esgotos domésticos são lançados em um curso d'água das proximidades, córrego do Óleo, sem qualquer condicionamento prévio. Esta atitude de completo desrespeito a um bem tão valioso e indispensável à vida, a água, é uma prática comum na cidade de Uberlândia, assim como na maioria das cidades brasileiras". SOARES (1988:191).*

Conforme o Diagnóstico Ambiental realizado na área, as nascentes, bem como os cursos d'água da Bacia do Córrego do Óleo, no geral, apresentam-se parcialmente descaracterizadas, sendo poucas as que ainda estão preservadas. A maioria, já sofreu algum tipo de interferência antrópica: loteamentos muito próximos; pavimentação dentro da área das veredas, processos erosivos e desmoronamento de margens devido a retirada de vegetação, assoreamento dos cursos d'água e descaracterização do ambiente natural com a presença de lixo e entulho.

Assim, para compreender, dentro da linha da percepção da paisagem, o significado dos córregos Pito Acesso e Óleo para a população residente em sua bacia,

desenvolvemos um estudo em que consiste na seguinte metodologia; levantamento bibliográfico acerca da temática proposta, levantamento de dados e informações secundárias junto aos órgãos públicos, mapeamento e análise das reais condições ambientais da bacia dos córregos Pito Aceso e Óleo, bem como das condições sócio-econômicas da população residente, através da aplicação de questionários, nos bairros Mansour, Luizote de Freitas e Chácaras Tubalina; tabulação e análise dos dados obtidos. Conforme TUAN (1983:9), experiência é o termo que abrange as diferentes maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Em nosso estudo, pudemos conhecer a experiência que alguns moradores da bacia dos Córregos Pito Aceso e Óleo têm daquela paisagem.

Segundo os registros, a um primeiro momento, identificamos que a percepção que os moradores têm da fisionomia do(s) córrego(s) não é positiva, pois, 80,32% dos indivíduos entrevistados, consideram-no(s) feio(s) e degradado(s) contudo, gostar de um lugar não obriga necessariamente a pessoa considera-lo bonito. A familiaridade que temos com o lugar, conforme MACHADO (1988) geralmente nos engendra aceitação e até afeição. Um exemplo disto é o percentual de indivíduos que atribuem importância a existência do(s) córrego(s) no bairro, 74,07%.

Alguns relatos ilustram bem essa posição: "*É importante, pois a água é vida*" (auxiliar de caixa, morador do bairro Mansour); "*Todo lugar deveria ter uma área verde e um córrego*" (vendedora, moradora do bairro Mansour); "*Acho muito importante, pois é natural e existe a muitas gerações*" (serviços gerais, morador do bairro Luizote); "*Acho importante, principalmente se ele estiver bem tratado*" (comerciante, morador do bairro Chácaras Tubalina).

As atitudes tomadas perante a paisagem vivida foram altamente positivas. Mais de 60% dos moradores são favoráveis a medidas de preservação e conservação daquela área; atribuindo respectivamente a maior responsabilidade aos órgãos competentes: Prefeitura, Departamento Municipal de Água e Esgoto - DMAE e IBAMA.

**TABELA 2: RESPONSABILIDADE EM RELAÇÃO À PAISAGEM DOS CÓRREGOS PITO ACESO E ÓLEO, 1999.**

Quem deve cuidar do córrego e seu entorno?							
Bairro	Prefeitura	Moradores	DMAE	IBAMA	Todos	Não sabe	Total
<b>Mansour</b>	10	06	02	04	02	01	25
<b>Luizote</b>	14	02	03				19
<b>Chácaras</b>	06				08		14
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>08</b>	<b>05</b>	<b>04</b>	<b>10</b>	<b>01</b>	<b>58</b>

**Fonte: Pesquisa direta.**

Foram poucos os que atribuíram a si próprios significativa parcela dessa responsabilidade, somente 31,03%. Interessante que essa postura está coerente com a atual proposta de preservação e conservação do meio ambiente que atribui essa responsabilidade aos governos federal, estadual e municipal.

Desse modo, concluímos que tanto a percepção quanto o valor atribuído a paisagem dos Córregos Pito Aceso e Óleo é altamente positiva. Entretanto, há ainda, a necessidade de um trabalho prático de Educação Ambiental com os moradores, pois acreditamos que cada cidadão deve estar consciente do ambiente total, preocupado com os problemas a ele associados e ter a capacidade de assumir posturas individuais e/ou coletivas para a solução dos mesmos.

## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, nos vários setores da sociedade a discussão acerca dos problemas de degradação ambiental, vem sendo muito discutida e trabalhada. No geral, esses trabalhos objetivam, particularmente, contribuir para a melhoria da qualidade de vida urbana. Todavia, observa-se que várias das medidas tomadas não levam em conta a opinião da população e muito menos a envolve no processo de recuperação e preservação das áreas degradadas. Isso acarreta uma descontinuidade das ações e, além de não minimizar os problemas ambientais existentes, podem até mesmo agravá-lo.

Nesse sentido, compreendemos que a preservação ambiental está diretamente relacionada com a percepção da paisagem, que por sua vez está ligada à experiência pessoal e ao valor atribuído ao meio ambiente, visto que a busca pela interpretação dos fenômenos perceptivos contribui em muito para ampliar a compreensão da realidade que cada um de nós constrói interiormente e que configura nosso cotidiano.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLESANTI, M. T. M. **Por uma Educação Ambiental: o Parque do Sabiá em Uberlândia**, MG. Rio Claro: UNESP (Tese de Doutorado), 1994.

DEL GROSSI, S. R. **De Uberabinha a Uberlândia - os caminhos da natureza**. São Paulo: USP/ SP (Tese de Doutorado), 1991.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (org.) **Percepção ambiental - a experiência brasileira**, São Paulo: Studio Nobel/Editora UFSCar, 1996.

GRIMBERG, E. "A questão sócio-ambiental no espaço urbano: limites e desafios." In: GRAZIA DE GRAZIA. (org.). **Direito à cidade e meio ambiente**. Rio de Janeiro: **Forum Brasileiro de Reforma Urbana**, 1993. p.174-182.

LOWENTHAL, D. "Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica." In: CHISTOFOLETI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

MACHADO, L. M. C. O. Ph. **Estudo da paisagem: uma abordagem perceptiva**, **Revista de Geografia e Ensino**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1988, p. 37-45.

MACHADO, L. M. C. Ph. **Meio ambiente urbano: reflexões sobre o cotidiano e o individual**, **Sociedade & Natureza**, Uberlândia: Edufu, ano 7, n. 13 e 14, p. 5-17, 1995.

MACHADO, L. M. C. Ph. **O homem no meio ambiente**. **Caderno de Filosofia e Ciências Humanas**, Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, ano III, n. 4, 1995, p. 34 - 49.

MACHADO, M. C. T. **Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia, História & Perspectivas**, Uberlândia: Edufu, n. 4, jan./jun, 1991, p. 37-78,

OLIVEIRA, L. **A percepção da qualidade ambiental, A Ação do Homem e a Qualidade Ambiental**, Rio Claro: ARGEO e Câmara Municipal de Rio Claro, p. 1-8, 1983.

RELPH, E. C. "As bases fenomenológicas da Geografia", **Geografia**, n. 7, vol. 4, p.1-25, 1979.

SOARES, B. R. **Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia**. São Paulo: FFLCH/USP (Dissertação de Mestrado), 1988.

SOARES, B. R. **Uberlândia: da "Cidade Jardim" ao "Portal do Cerrado" - Imagens e Representações no Triângulo Mineiro**. São Paulo: FFLCH/USP (Tese de Doutorado), 1995.

TSIOMIS, Y. "O meio ambiente e a questão urbana." In: RAYNAUT, C.; Zanoni, M. **Cadernos de desenvolvimento e meio ambiente**. Curitiba: Editora UFPR, 1994.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar, a Perspectiva da Experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

---

## INFORMAÇÕES SOBRE AS AUTORAS

[\( VOLTAR AO TEXTO \)](#)

### **Rosana de Ávila Melo Silveira**

Geógrafa. Mestranda do Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia

### **Marlene Teresinha de Munro Colesanti**

Geógrafa. Professora Doutora do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia

[mmuno@ufu.br](mailto:mmuno@ufu.br)

## SUMÁRIO